

## VERDADE E SOCIEDADE: O QUE O TEATRO DE LUIGI PIRANDELLO ENSINA?

Daniel Reis Pessanha<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo busca abordar o tema da verdade sob a perspectiva de sua importância para uma determinada sociedade. A partir disso, será feita uma breve exposição e discussão sobre o conceito de verdade em algumas sociedades. Além disso, tendo como base a peça *Assim é (se lhe parece)*, de Luigi Pirandello, busca-se ainda realizar uma reflexão sobre o conceito de verdade nos dias atuais, a fim de compreender, a partir da dramaturgia, as disputas que ocorrem em torno das “verdades” contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Verdade; Sociedade; Dramaturgia.

## TRUTH AND SOCIETY: WHAT DOES LUIGI PIRANDELLO DRAMATURGY TEACH?

**ABSTRACT:** This paper aims to approach the theme of truth from the perspective of its importance for a given society. From this, a brief exposition and discussion on the concept of truth will be made in some societies. Furthermore, based on Luigi Pirandello's play *Assim é (se lhe parece)*, it also seeks to carry out a reflection on the concept of truth today, in order to understand, the disputes that occur around contemporary “truths”.

**KEYWORDS:** Truth; Society; Dramaturgy.

---

<sup>1</sup> Mestrando da Universidade Federal Fluminense.

A busca pela verdade, independentemente do tempo histórico, sempre foi uma demanda das sociedades. Todos os povos buscavam, portanto, a sua “verdade”. Ainda hoje, em pleno século XXI, tal busca permanece, tornando o tema fundamental para a compreensão dos embates contemporâneos. Se em tempos normais, a verdade sempre esteve em discussão, em tempos de crise sanitária e política, torna-se um campo de disputas. Tendo como base esse tema e levando em consideração as disputas atuais, o presente artigo busca, em um primeiro momento, apresentar e discutir algumas acepções de verdade, realizando uma breve exposição. Em um segundo momento, busca-se, através da peça *Assim é (se lhe parece)* (1917), de Luigi Pirandello, realizar uma reflexão sobre a verdade nos dias atuais, compreendendo-a como um campo de disputas.

Em uma aula ministrada em concurso para o cargo de professor titular em filosofia da educação, no dia 24 de abril de 2001, o professor Paulo Ghiraldelli Jr. realizou uma breve exposição sobre teorias da verdade. No início de sua exposição, antes de tratar sobre qualquer teoria, o professor faz a seguinte afirmação: “quando estou falando aos meus alunos, e não aos meus colegas, costumo começar a conversar sobre a verdade a partir das acepções diferentes que esse termo ganha dependendo da língua em que ele é pronunciado”. (GHIRALDELLI, 2001, p. 1-2). Isto é, cada sociedade apresenta, linguisticamente, um pensamento sobre o que é a verdade. A partir desse entendimento, o professor Paulo Ghiraldelli Jr. apresenta três acepções de verdade, a saber: *aletheia*, do grego; *veritas*, do latim; e, por fim, *emunah*, do hebraico. Segundo Ghiraldelli, estas são as acepções de verdade em cada uma dessas línguas:

Em grego, verdade é *aletheia*. Quando dizemos *aletheia* estamos nos referindo ao não-oculto ou ao que não está dissimulado. *Aletheia* é oposto de *pseudos*, que é justamente o escondido, o que está dissimulado. [...] A verdade está nas coisas. Dizer a verdade é dizer a verdade do que está na realidade manifestada, e não na realidade que não se manifesta, oculta, a que engana. (GHIRALDELLI, 2001, p. 2)

Agora, em latim, verdade é *veritas*. Quando dizemos *veritas* estamos nos referindo à exatidão de um relato, ou ao grau de exatidão de um relato. Não se trata aqui da verdade como uma qualidade das coisas, mas do quanto uma narrativa é acurada, exata, pormenorizada. Estamos aqui no âmbito exclusivo da linguagem, e um relato é veraz se ele enuncia pormenorizadamente e exatamente os fatos reais. Há o relato falsificado, mentiroso, e há o relato verdadeiro. (GHIRALDELLI, 2001, p. 2)

[...] em hebraico verdade se relaciona com a palavra *emunah*. E tal palavra se refere ao que foi pactuado, para o presente ou para o futuro. Trata-se de uma

palavra que tem a ver com a esperança, com a confiança, com a ideia de que o que se combinou ou o que se espera, vá mesmo acontecer. Verdade, aqui, então, tem a ver com o pacto histórico e/ou político, é claro, mas tem a ver também com a profecia. (GHIRALDELLI, 2001, p. 2)

Tendo como base esses entendimentos sobre o significado de verdade, em diferentes sociedades, torna-se possível perceber algumas dessas acepções sendo aplicadas atualmente, o que contribui para um estudo da verdade como disputa. Tendo em vista o senso comum, parece que o conceito de verdade em grego é o que mais se aproxima, de uma maneira mais geral, da compreensão sobre o que é a verdade. Ou seja, somente é verdade aquilo que se manifesta. Sob esse ponto de vista, a verdade se conecta com a realidade, ou seja, se for possível verificar, na realidade, o que se diz, tal afirmação é verdadeira. No entanto, esta é apenas uma das acepções. A compreensão de verdade em latim, por outro lado, se relaciona muito com a capacidade de narrar pormenorizadamente um fato ou acontecimento. Dessa forma, a verdade, em latim, está conectada exclusivamente com a linguagem, sendo verdadeiro o relato que é dito com maior exatidão. Todavia, tendo como base o conceito em latim, um questionamento deve ser feito: levando em consideração que um relato detalhado e pormenorizado pode ser falso, como ter certeza sobre o que está sendo dito, isto é, como é possível distinguir a verdade da mentira? Neste caso, parece que o significado latino fica fragilizado, dependendo do conceito grego. O discurso, portanto, por mais pormenorizado que seja, dependerá, em certa medida, de uma conexão com a realidade manifesta, pois só assim poderá ser comprovado que o que está sendo dito é, de fato, verdadeiro. Para a compreensão e discussão da sociedade atual, o conceito latino é fundamental, tendo em vista a oposição contemporânea entre narrativa e verdade. Entretanto, esse conceito será retomado e discutido, com maior profundidade. Por ora, deve-se abordar a última significação apresentada. Em hebraico, verdade se conecta muito mais com uma percepção religiosa. Esperar que o que foi acertado ou pactuado aconteça, relaciona-se, como já foi dito, com a esperança e, mesmo que possa ser considerado o pacto político e histórico, a ideia de esperança e confiança se conecta muito mais com o conceito de verdade religiosa. A partir da compreensão destes três conceitos, pode-se começar a discutir suas aplicações na sociedade contemporânea.

Retomando o conceito de verdade em latim e pensando especificamente a sociedade brasileira, pode-se pensar a oposição, já apresentada, entre narrativa e verdade. Como já foi dito, é possível que alguns discursos sejam detalhados, mesmo sendo falsos. Além disso, um bom discurso, seja ele verdadeiro ou falso, normalmente cativa um determinado público que está predisposto a aceitá-lo como “verdadeiro”, sendo tal aceitação normalmente motivada ideologicamente. Logo, pode-se discutir uma sociedade partida pela “verdade”. No texto *Verdade e mentira no sentido extramoral*, de Friedrich Nietzsche, encontra-se a seguinte pergunta: “É a linguagem a expressão adequada de toda e qualquer realidade?” (NIETZSCHE, 1873, p. 10). Pensando a palavra como a “transposição sonora de uma excitação nervosa”, Nietzsche responde a sua própria pergunta com um exemplo seguido de uma conclusão:

Falamos de uma serpente: a designação alcança somente o fato de se contorcer, o que poderia convir igualmente ao verme. Que delimitações arbitrárias, que parcialidade é preferir ora uma ora outra propriedade de uma coisa! **As diferentes línguas, quando comparadas, mostram que as palavras nunca alcançam a verdade, nem uma expressão adequada;** se fosse assim, não haveria efetivamente um número tão grande de línguas. (NIETZSCHE, 1873, p. 10, grifo nosso)

Tendo como base o pensamento de Nietzsche, percebe-se que um discurso, por mais que julgue retratar a verdade/realidade, jamais alcançará este objetivo, pois de modo nenhum representará “a coisa em si”. Por isso Nietzsche afirma: “acreditamos possuir algum saber sobre as coisas propriamente, quando falamos de árvores, cores, neves e flores, mas não temos, entretanto, aí mais do que metáforas das coisas, as quais não correspondem absolutamente às entidades originais”. (NIETZSCHE, 1873, p. 11). Contudo, a percepção de Nietzsche não invalida o conceito de verdade latino, apenas esclarece que é apenas mais um ponto de vista. Como é possível perceber, o conceito em latim é o que mais interessa para o estudo que está sendo proposto. O discurso, portanto, sendo falso ou verdadeiro, poder ser feito de maneira pormenorizada. Ademais, é fundamental compreender que algumas verdades são construídas, através do discurso, para atender a um determinado grupo, como afirma Mara Conceição Vieira de Oliveira:

Essa verdade que anuncia a vontade de organizar as narrativas humanas a favor de determinado grupo tem acolhida no discurso, por isso é por vezes convertida numa invenção, que necessariamente não precisa corresponder à realidade dos fatos e/ou das coisas, mas à demanda de determinado auditório ou à vontade dele. (OLIVEIRA, sem data, p. 2)

Dessa forma, tendo em vista a percepção de uma sociedade partida pela “verdade” e levando em consideração os motivos, normalmente ideológicos, que movem alguns grupos à aceitação de um determinado discurso, passa-se a discutir a importância da verdade para a sociedade e os motivos que levam um grupo a aceitar ou não um discurso.

Ainda em Nietzsche, sendo apresentado por Noéli Correia de Melo Sobrinho, lê-se a seguinte afirmação:

A verdade e a mentira são construções que decorrem da vida no rebanho e da linguagem que lhe corresponde. O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. A verdade e a mentira são ditas a partir do critério da utilidade ligada à paz no rebanho. (NIETZSCHE, 1873, p. 6)

A partir desta citação, é possível começar a compreender os motivos que levam um determinado grupo a aceitar um discurso como verdadeiro em detrimento de outro. A verdade é, portanto, um ponto de vista que é conveniente para um grupo em questão, o que torna a mentira, por sua vez, o inconveniente. Diante dessa questão, a busca pela “verdade” dentro de uma sociedade partida, torna-se a busca por um ponto de vista, que pode até não ser o mais verdadeiro ou real, mas que fortalece uma certa maneira de pensar. Ainda sobre a questão de uma “verdade” ser aceita a depender do grupo que a escuta ou a produz, considerando-a conveniente ou não, Mara Conceição destaca que: “O discurso, na maioria das vezes, atrelado a algum interesse, é persuasivo, visto que a vontade de verdade, apresentando-se como legítima e única, assume sobre os outros discursos um poder de coerção e interdição”. (OLIVEIRA, sem data, p. 9). Dessa forma, o conceito de verdade entra, novamente, em discussão, pois os historiadores e advogados, para citar um exemplo de Mara Conceição, terão sempre a sua verdade motivada por uma intenção. No caso do historiador, “a intenção de estabelecer a “verdade” do passado”; no advogado, a intenção de “estabelecer a “verdade” da parte interessada representada por ele”. (OLIVEIRA, sem data, p. 9).

Tendo como base tudo que foi apresentado e discutido sobre o conceito de verdade, busca-se, a partir de agora, entender as contribuições que o teatro de Luigi Pirandello apresenta sobre o tema, sendo a partir destas contribuições que se discutirá, de forma ainda mais abrangente, o entendimento de uma sociedade que se dividiu em grupos, buscando cada um as suas “verdades” convenientes.

Em *Assim é (se lhe parece)* (1917), de Luigi Pirandello, acompanha-se uma incansável busca pela verdade. A peça inicia-se com Amália e Dina inconformadas por não serem recebidas na casa da senhora Frola. O objetivo da visita não era, obviamente, ser um ato de cortesia, mas sim descobrir a verdade sobre um boato que estava circulando pela cidade. A questão apresentada pela peça que deverá ser explicada, daí a busca pela verdade sobre o boato que circula, pode ser compreendida através dos diálogos de Amália, Dina e Laudisi:

DINA

Tudo bem! Vamos admitir que ele não tenha feito de propósito! Mas você não pode negar que esse homem vive de um modo tão bizarro que acaba atijando a naturalíssima curiosidade de toda a cidade. – Veja bem – Ele chega – Aluga um apartamento no último andar daquela casarona tétrica, lá, na periferia da cidade, com vista para a roça. Você viu o prédio? Quero dizer, do lado de dentro?

LAUDISI

Por acaso você foi ver?

DINA

Sim, titio! Com mamãe. E fique sabendo que não fomos apenas nós duas. – Todos já foram lá. – Tem um pátio interno – tão escuro! – parece um poço – com uma grade de ferro de ponta a ponta da mureta do corredor do último andar, de onde os moradores baixam cestinhas vazias que sobem cheias de pães...

LAUDISI

E daí?

DINA

[com maravilhamento e indignação]

Ele confinou a esposa lá em cima!

AMÁLIA

E a sogra aqui perto de nós!

LAUDISI

Em um apartamento no meio da cidade, a sogra!

AMÁLIA

Entende o tipo de coisa! E ele a obriga a viver separada da filha!

LAUDISI

E quem garante que é assim? Não pode ser justamente o contrário: que é ela, a mãe, quem quer mais liberdade?

DINA

Claro que não, titio! É evidente que é ele!

AMÁLIA

Veja bem: é compreensível que uma filha, se casando, deixe a casa da mãe e vá viver com o marido, até mesmo em outra cidade. Mas que uma pobre mãe, não conseguindo viver longe da filha, a siga e, na cidade onde ela também é uma estranha, seja obrigada a viver separada dela; convenhamos, você há de

concordar que isso não... não é facilmente compreensível. (PIRANDELLO, 2011, p. 16-17)

Em resumo, é esta a questão: desconfiam de que o recém-chegado senhor Ponza, impeça que sogra e filha se encontrem, por isso a senhora Ponza vive trancada em casa. Tal situação desperta a curiosidade das personagens da peça, curiosidade esta que resultará em uma busca incansável pela verdade, de modo que tudo seja esclarecido. Dessa forma, ao longo da peça, duas verdades são apresentadas sobre a senhora Ponza, a saber: do ponto de vista do marido, a senhora Ponza é a sua segunda esposa e, portanto, não pode ser a filha da senhora Frola; por outro lado, do ponto de vista da senhora Frola, a senhora Ponza é sim a sua filha legítima. Estas são, portanto, as duas verdades que percorrerão a peça do início ao fim. Por isso, o senhor Ponza, certo da sua “verdade”, faz a seguinte afirmação:

PONZA

Não parece, mas é louca. E a sua loucura consiste exatamente em acreditar que eu não queira que ela veja a filha. [*com orgasmo de comoção quase feroz e atroz*] Que filha, em nome de Deus, se a filha dela morreu há quatro anos?

TODOS

[*embasbacados*]

Morta? – Oh!... – Mas como? – Morta?

PONZA

Há quatro anos. Ela enlouqueceu exatamente por isso.

SIRELLI

Então, aquela que vive com o senhor?

PONZA

...somos casados há dois anos. É a minha segunda esposa.

AMÁLIA

E a senhora acredita que seja filha dela?

PONZA

Foi a sorte dela, se é que se pode chamar assim. Da janela do quarto onde a mantínhamos, ela me viu passar pela rua com essa que é minha segunda esposa e começou a rir, a tremer completamente; se ergueu de repente do desespero medonho em que tinha caído para se reencontrar nessa outra loucura, a princípio exultante, abençoada, e depois, aos poucos, mais calma; entretanto, angustiada, em um estado de resignação no qual se pôs por si mesma; e até mesmo contente, como puderam ver. Acredita obstinadamente que a sua filha não esteja morta, mas que eu a queira toda para mim, sem permitir que ela a veja. É como se estivesse curada. Tanto é assim que, quando a ouvimos falar, não parece louca de modo algum. (PIRANDELLO, 2011, p. 58-59)

Sabendo o que o senhor Ponza havia dito a seu respeito, a senhor Frola apresenta não só uma resposta, mas também o seu ponto de vista, isto é, a sua “verdade”:

SENHORA FROLA

Meu Deus, como quer que eu não me aflija, convenhamos, vendo o meu genro obrigado a dar uma explicação absurda! e horrível também! Podem acreditar seriamente que a minha filha esteja morta? que eu seja louca? que essa que está com ele seja uma segunda esposa? Ele tem necessidade, acreditem, de se exprimir desse jeito! Somente através desse pacto ele conseguiu resgatar a calma, a confiança. Porém, ele mesmo percebe a enormidade do que diz e, obrigado a se explicar, se irrita, se transtorna: devem ter visto! (PIRANDELLO, 2011, p. 69)

SENHORA FROLA

Não, vejam bem... vejam bem! Ele não é... não é louco! Deixem que eu explique! Como viram, ele é robusto, violento. Ao se casar, foi tomado por uma verdadeira febre amorosa. Quase destruiu a minha filha, que era delicada. A conselho do médico e de todos os parentes, inclusive dos seus (que agora, pobre coitados, não existem mais!), foi necessário retirá-la dele às escondidas para interná-la em uma casa de saúde. E então ele, já um pouco alterado, naturalmente, por causa de seu... amor excessivo, dando por falta dela... ah, minhas senhoras, mergulhou em um desespero furioso; acreditou seriamente que a esposa estivesse morta; não quis mais ouvir nada; quis se vestir de preto; fez tantas loucuras; e não houve meio de fazê-lo mudar de ideia. Tanto que, quando (depois de apenas um ano) a minha filha foi reapresentada, já recuperada, restabelecida, ele disse que não, que não era mais ela; não, não; ele a olhava – não era mais ela. Ah, minhas senhoras, que dilaceração! Ele se aproximava dela; parecia que a reconhecia, depois de novo, não, não... E para que ele se recuperasse, com a ajuda dos amigos, tivemos que simular um segundo casamento. (PIRANDELLO, 2011, p. 71)

Diante dessas duas histórias possíveis, as personagens da peça só se interessam ainda mais pela verdade absoluta, ou seja, continuam buscando saber qual é a história falsa, e qual é a verdadeira. Diante desse cenário, Laudisi é a única personagem que não se importa com essa busca pela verdade, e justifica o seu posicionamento:

LAUDISI

Parece a você que não concluí coisa alguma? Essa é boa! Eu vejo que vocês estão ansiosos em saber quem são os outros e como são as coisas; quase como se os outros e as coisas, por si mesmos, fossem assim ou assado...

SENHORA SIRELLI

Então, de acordo com o senhor, nunca se poderá saber a verdade?

SENHORA CINI

Se não devemos mais crer nem no que se vê e se toca!

LAUDISI

**De jeito nenhum, minha senhora: pode acreditar! No entanto, lhe digo: respeite o que veem e tocam os outros ainda que seja o contrário do que a senhora vê e toca!**

SENHORA SIRELLI

Escute aqui. Eu vou lhe dar as costas e não vou mais lhe dirigir a palavra!

Não quero enlouquecer!

LAUDISI

Não, não: chega! Continuem, continuem a falar da senhora Frola e do seu genro, o senhor Ponza: não vou mais interrompê-los. (PIRANDELLO, 2011, p. 30, grifo nosso)

A visão de Laudisi é, portanto, de que a verdade é apenas um ponto de vista e, sendo dessa forma, deve-se respeitar todas as outras “verdades”, mesmo que não estejam em concordância com a nossa “verdade”. Além disso, o posicionamento de Laudisi, como se verá no final da peça, ainda apresenta um outro ponto: não existe verdade que seja absoluta. Quando se trata a verdade como um ponto de vista e não como algo absoluto, crê-se, para alguns, que não exista nenhum tipo de verdade e que a busca por uma seja, portanto, uma busca perdida. Todavia, tal percepção é também passível de questionamento. Em *Diálogos com a verdade: um estudo sobre a verdade na sociedade pós-moderna* (2012), Júlia Barros Penafiel faz a seguinte afirmação: “A contemplação total do que é a verdade escapa ao homem, que é limitado pela sua própria percepção e pode apenas vislumbrá-la do seu ponto de vista – porém as diferentes noções não invalidam sua existência, apenas comprovam que é impossível ao homem desvincular-se dela”. (PENAFIEL, 2012, p. 5). A partir desta afirmação percebe-se, portanto, que tanto os defensores da verdade absoluta quanto os defensores da aniquilação da verdade, isto é, aqueles que afirmam não existir nenhum tipo de verdade, estão equivocados em seus posicionamentos. Sob esse ponto de vista, a dramaturgia de Pirandello defende que exista um respeito entre as diferentes “verdades”, deixando claro que um ponto de vista não anula uma outra visão totalmente diferente, por isso, Laudisi diz: “respeite o que veem e tocam os outros ainda que seja o contrário do que a senhora vê e toca!” (PIRANDELLO, 2011, p. 30). Tendo como base essa defesa feita pela dramaturgia de Pirandello, mais especificamente, pela peça *Assim é (se lhe parece)* (1917), é que se pode analisar com mais clareza uma sociedade partida por conta da “verdade”.

Em tempos de crise, a polarização social se acentua de maneira descontrolada. Tal polarização, divide a sociedade em duas partes, ou melhor dizendo, em duas verdades. Como já foi dito, a afirmação de que não existe uma verdade absoluta não significa, imediatamente, que não exista nenhuma verdade, por mais contraditório que isso possa parecer. Além disso, não se questiona também a busca por uma verdade. Como foi dito no início do texto, diferentes sociedades apresentam diferentes verdades, logo, a partir de uma dada compreensão, uma determinada sociedade se colocará em movimento para buscá-la, mesmo que essa procura não leve a nenhuma verdade absoluta. Contudo, o que se analisa, ao colocar em questão a percepção de uma sociedade partida por conta de uma busca pela verdade é, justamente, a busca, não por uma “verdade”, mas pela verdade absoluta. Tal busca só demonstra a cegueira que um determinado grupo apresenta, pois, não se contenta apenas em validar o seu ponto de vista, isto é, a sua “verdade”, mas tem também como objetivo invalidar o ponto de vista contrário, tornando-o uma mentira. Percebe-se claramente, neste ponto, o homem do rebanho, apresentado por Nietzsche. É justamente esse ponto que o presente trabalho questiona, isto é, a disputa em torno dos conceitos de verdade, pois essas disputas estão sempre buscando invalidar outros pontos de vista. Por isso que Lauidisi, em *Assim é (se lhe parece)* (1917), se apresenta como um personagem incômodo, pois não está em busca de verdades absolutas, antes, admite a existência de várias “verdades”. Ademais, são feitas, ao longo da peça, diversas investigações para que se chegue a uma verdade absoluta dos fatos, no entanto, a conclusão que Pirandello apresenta é, assim como o posicionamento de Lauidisi, incômoda:

SENHORA PONZA

[depois de olhar todos através do véu, diz com solenidade sombria]

O que podem querer de mim depois disso, caros senhores? Aqui, existe uma desventura, como veem, que deve permanecer escondida, porque só assim pode valer o remédio que a piedade lhe concedeu.

O PREFEITO

[comovido]

Nós queremos respeitar a piedade, minha senhora. Entretanto, gostaríamos que a senhora nos dissesse...

SENHORA PONZA

[escandindo lentamente as palavras]

... o quê? A verdade? é só esta: que sou, sim, a filha da senhora Frola...

TODOS

[com um suspiro de satisfação]  
 Ah!  
 SENHORA PONZA  
 [logo em seguida com o mesmo tom de antes]  
 ... e a segunda esposa do senhor Ponza...  
 TODOS  
 [respeitosamente aparvalhados e desiludidos]  
 Oh! Como assim?  
 SENHORA PONZA  
 [logo em seguida com o mesmo tom de antes]  
 ... sim, e para mim nenhuma, nenhuma!  
 O PREFEITO  
 Ah, não, senhora. Para si própria, a senhora deve ser ou uma ou outra!  
 SENHORA PONZA  
 Não, senhores. Para mim, sou aquela que se crê que eu seja.  
 [olha todos através do véu e se retira. Silêncio]  
 LAUDISI  
 Eis aí, senhores, como fala a verdade! [*lança ao redor um olhar de desafio e troça*] Estão contentes? [*Começa a rir*] Ah, ah, ah, ah! (PIRANDELLO, 2011, p. 173-174)

Sim, as duas verdades são e não são, depende do ponto de vista.

Por fim, deve-se ainda realizar um último questionamento quando se defende a possibilidade da existência de diferentes verdades na sociedade contemporânea, a saber: todas as “verdades” devem ser defendidas? Mesmo as que invadem de alguma forma o campo da intolerância? Tal indagação é válida, pois, em tempos de extrema polarização, “verdades” intolerantes sempre aparecem. Pode-se pensar, tendo como base um exemplo terrível do século XX, na seguinte frase: “Sem dúvida, os judeus são uma raça, mas não são humanos<sup>2</sup>”. O ponto de vista encerrado por essa frase tinha um único objetivo: desumanizar o povo judeu e justificar o seu extermínio. Milhares de judeus foram mortos por conta dessa visão. Diante deste fato, não se pode tolerar que visões como essa sejam aceitas, muito menos respeitadas, antes, devem ser criminalizadas, para que o horror provocado no passado com o povo judeu jamais se repita. Por isso Karl Popper, em uma nota de rodapé do seu livro *A sociedade aberta e seus inimigos* (1945), expõe o paradoxo da tolerância:

Menos conhecido é o *paradoxo da tolerância*: a tolerância ilimitada pode levar ao desaparecimento da tolerância. Se estendermos a tolerância ilimitada

<sup>2</sup> Frase associada à propaganda nazista pronunciada por Adolf Hitler.

até àqueles que são intolerantes; se não estivermos preparados para defender uma sociedade tolerante contra os ataques dos intolerantes, o resultado será a destruição dos tolerantes e, com eles, da tolerância. — Nesta formulação, não quero implicar, por exemplo, que devamos sempre suprimir a manifestação de filosofias intolerantes; enquanto pudermos contrapor a elas a argumentação racional e mantê-las controladas pela opinião pública, a supressão seria por certo pouquíssimo sábia. Mas deveríamos proclamar o *direito* de suprimi-las, se necessário mesmo pela força, pois bem pode suceder que não estejam “preparadas para se opor a nós no terreno dos argumentos racionais e sim que, ao contrário, comecem por denunciar qualquer argumentação; assim, podem proibir a seus adeptos, por exemplo, que deem ouvidos aos argumentos racionais por serem enganosos, ensinando-os a responder aos argumentos por meio de punhos e pistolas. Deveremos então reclamar, em nome da tolerância, o direito de não tolerar os intolerantes. Deveremos exigir que todo movimento que pregue a intolerância fique à margem da lei e que se considere criminosa qualquer incitação à intolerância e à perseguição, do mesmo modo que no caso da incitação ao homicídio, ao sequestro de crianças ou à revivescência do tráfico de escravos. (POPPER, 1974, p. 118-119)

O pensamento de Karl Popper pode, portanto, ser entendido da seguinte maneira: deve-se respeitar os diferentes pontos de vista, desde que essas visões não respondam “aos argumentos por meio de punhos e pistolas” ou promovam a intolerância a minorias.

Tendo em vista tudo o que foi dito, incluindo a ressalva de Karl Popper, pode-se chegar à seguinte conclusão: em tempos de polarização e de busca por verdades absolutas, a dramaturgia de Pirandello ensina a respeitar as diferentes “verdades” da sociedade, pois todas as “verdades” são e não são, tudo depende do ponto de vista.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GHIRALDELLI, Paulo Jr. *Teorias de Verdade – Brevíssima Introdução*. Disponível em: <https://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Teorias-de-Verdade-Brev%C3%ADssima-Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Verdade e mentira no sentido extramoral*. Disponível em: [http://imediate.org/asav/nietzsche\\_verdade\\_mentira.pdf](http://imediate.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf). Acesso em: 25 de abril de 2021.

OLIVEIRA, Mara Conceição Vieira de. *Discurso e verdade; fato e (ir)reparação*. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=3063682597f05e7a>. Acesso em: 6 de agosto de 2021.

PENAFIEL, Julia Barros. *Diálogos com a Verdade: um estudo sobre a verdade na sociedade pós-moderna*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3792/1/JPenafiel.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

PIRANDELLO, Luigi. *Assim é (se lhe parece)*. Tradução de Sergio N. Melo. Posfácio de Alcir Pécora. – São Paulo: Tordesilhas, 2011.

POPPER, Karl Raimund. *A Sociedade aberta e seus inimigos – Volume único*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.